

# A DINÂMICA DA TÉCNICA: O “HOMEM RAZÃO” E A RETOMADA DO “HOMEM MÍTICO”

ROGÉRIO AMARAL PEREIRA  
Universidade Federal do Paraná  
rogerioappixote@hotmail.com

**Resumo:** O presente estudo visa demonstrar o “mundo racional”, representado na dinâmica da técnica. Assim, as relações teóricas realizadas, neste trabalho, objetivam ressaltar a retomada do homem ao mundo natural e mítico. Este deixado no início do Renascimento e que atualmente encontra-se em expansão. Neste sentido, o ensaio acadêmico procura também enfatizar a relação vazia do indivíduo humano com o seu mundo de “objetos artificiais”. O sujeito humano, retomado pelo sagrado, através da fé, em símbolos que constituem o seu universo religioso, torna-se ponto de evidência, em uma sociedade em que os males provocados pela alienação dos “objetos inéditos”, na relação homem e técnica, estão cada vez mais presentes no seu cotidiano.

**Palavras-chave:** técnica, tecnologia, misticismo religioso.

**Abstract:** This study aims to demonstrate the "rational world", represented in the technical dynamics. Thus, the theoretical relationships carried out in this work aimed to highlight the return of man to the natural world and the mythical. This left the beginning of the Renaissance and which is currently expanding. In this sense, the academic essay also seeks to emphasize the empty human individual's relationship with his world of "artificial objects." The human subject, taken the sacred, through faith in symbols which are their religious universe, becomes evidence point in a society in which the evils caused by the sale of "novel objects" in human and technical relationship, they are increasingly present in their daily lives.

**Keywords:** technical, technology, religious mysticism.

## Introdução

Com a presença do homem sobre a terra, a natureza está, sempre, sendo redescoberta, desde o fim de sua história natural e a criação da natureza social, ao desencantamento do mundo, com a passagem de uma ordem vital a uma ordem racional. Mas agora, quando o natural cede lugar ao artefato e a racionalidade triunfante se revela através da natureza instrumentalizada, esta, portanto domesticada, nos é apresentada como sobrenatural (SANTOS, 1997, p.15-16).

Neste cenário exposto por Milton Santos sobre a relação do homem com o espaço por intermédio da técnica, o presente ensaio acadêmico aborda o estudo sobre o homem e a sacralidade, ou seja, a retomada aos elementos de devoção. Portanto, o objetivo central do estudo é contextualizar sobre o homem e a sua atuação no espaço geográfico, na relação difusora que é a manifestação religiosa.

Para a compreensão da realidade em que a sociedade atual encontra-se, de “alta modernidade<sup>1</sup>”, pode-se buscar justificativas no passado, o qual propiciou a sua constituição (GIDDENS, 1991). Pois, ao mesmo tempo em que a sociedade sofre com a ação condicionante do passado, no presente também arranja (organiza) as formas de condicionar o futuro. Diante desse fato, busca-se, neste ensaio acadêmico, alcançar uma ciência geográfica, de ares renovados, transformadora. Esta visa discutir a relação do homem no meio, salientando o que esse traz de subjetivo na relação com a técnica – que é a cultura<sup>2</sup> – na forma de interpretar as interações do homem com a natureza e com o próprio homem, que é natureza.

Neste sentido, justifica-se, no cerne do debate geográfico, a dinâmica da técnica, vista como um conjunto de objetos técnicos constituídos dentro do contexto histórico-social. Para isto, através de uma visão geográfica, interpreta-se o contexto que levou à formação desses objetos humanizados, ou seja, a materialização das relações entre o homem e o meio e, perante esse acontecimento, a sua busca ou refúgio no plano mítico. Esse refúgio do homem na atualidade é ponto pertinente e, por isso, algo de fundamental para o estudo, pois, ao relacionar-se o mesmo com o processo atual e os ditames provocados pela tecnologia, encontra-se a retomada do homem movido pelo plano da imaterialidade.

Com isto, o objetivo específico deste estudo é, por um lado, demonstrar questões sobre a ênfase do racionalismo humano através do uso da técnica. E, de outro, abordar a perda da identidade humana pela ostentação e, principalmente, pela difusão da mesma através das tecnologias (as espacialidades e a difusão dos objetos).

Tem-se a consciência que a história da evolução humana apresenta-se como um edifício. E essa evolução na atual conjuntura se estabelece no topo dessa construção. Essa, além do mais, reafirma a falta de consciência na qual vê-se a Terra, como uma fonte inesgotável, para a ganância cruel, que até então faz refletir sobre a dinâmica da técnica e seus percalços sociais constituídos no “mundo moderno”.

Por outro viés, o homem apresenta-se ciente também do quanto a ciência, a técnica e a tecnológica poupam-no do esforço físico e ainda lhe proporcionam conforto. Mas, essas “senhoras do sedentarismo humano”, também distanciaram o homem do mundo palpável, aproximando-o do “universo de ilusões<sup>3</sup>”, material e imaterial, o virtual. Diante disso, a sociedade perdeu a sua essência social, mas essa afirma ter ganho em informação e, mais, tenta vencer a eterna ralação com o tempo. Em presença desses fatos, a inversão de valores é grande perante o espaço (ambiente), pois não há moldagem ao espaço, faz-se com que o mesmo cumpra as próprias necessidades.

Assim, dentro deste percurso expositivo, serão realizados esforços para responder ao seguinte questionamento: Será que o homem se reconhece nessa natureza “humanizada” permeada pela técnica? A resposta trata de uma trajetória, cuja constituição será fundamentada através das diversas reflexões de estudos como este que está sendo oferecido.

---

<sup>1</sup> Forma pela qual Giddens (1991) define ser a separação do tempo e do espaço e principalmente a sua recombinação em formas de zoneamentos “tempo espacial preciso da vida; do desencaixe do sistema social” (p.25) para a compreensão das conexões íntimas do processo de transgressão da modernidade, ou seja, um novo padrão da humanidade.

<sup>2</sup> Entendida como a herança de gerações anteriores, ou melhor, como sendo a intercomunicação que se mantém no tempo. Assim, a cultura é o legado do passado. Essa é utilizada para assegurar a comunicação entre as pessoas que “vivem aqui e agora, é uma realidade do presente” (CLAVAL, 2001).

<sup>3</sup> Grifo deste autor.

### **A relação do homem com a técnica**

A astúcia humana esteve sempre aliada à função da quebra de barreiras, de “paradigmas” técnicos (de novas interpretações) impostos pela natureza. E tal fato fez a sociedade humana, ao longo do tempo, acreditar e venerar o que Descarte apontava como símbolo da racionalidade humana perante as demais espécies: “Se penso, logo existo”. É através dessa existência racional que podemos afirmar que o homem sai do mundo das idéias apontado por Platão, e se materializa com o seu novo plano material, o dos objetos humanizados e das extensões humanas.

E neste percurso, o homem vem adquirindo conhecimento ao longo da sua “evolução”, como resultado da interação com a natureza, do seu desenvolvimento e da capacidade do “saber fazer” em prol do próprio “benefício”. Desde a antiguidade, os conhecimentos alavancados pelo homem proporcionaram uma série de benefícios. Esses são evidentes ao se observar o atual estágio tecnológico (TARNAS, 2003).

E, ao apontar-se a técnica - ou melhor - os objetos que ela proporciona como sendo uma extensão humana, inicia-se à reflexão sobre a dinâmica da técnica, ou seja, a centralidade no “homem razão”. Com isso, retorna-se na história aonde os artefatos (elementos), símbolos da relação humanizada com a natureza, são também a materialização de algo que vagou tempos pelo plano das idéias e se concretiza (toma forma através da técnica e se materializa). Assim, pode ser pontuado, como período preponderante, o Renascimento, quando, “o homem já não era mais tão secundário em relação a Deus, à igreja ou à natureza” (Idem, p. 246).

Nesse período, era apontado como um dos maiores precursores do “saber fazer” junto às ciências (físicas e matemáticas) relacionadas às artes o nome de Leonardo da Vinci como seu principal representante. É no Renascimento, que a “vida humana pareceu adquirir um imediato valor inerente, uma animação e significado existencial que equilibravam, ou até mesmo deslocavam o enfoque medieval para um destino espiritual em outro mundo”, ou seja, o plano da racionalidade (Idem, Ibidem).

De acordo com Hottois (2003, p.461), é a partir dessa razão (racionalidade) que,

as relações entre a ciência e a técnica vão começar transformar-se, devido simultaneamente à explosão das invenções e a nova concepção da ciência. Esta torna-se saber das causas dos fenômenos sensíveis. Ela visa a formulação de leis gerais (por vezes assimiladas às estruturas essenciais do mundo), mas estas dizem respeito ao modo de encadeamento e de produção dos acontecimentos e factos materiais.

De tal modo, interpreta-se o Renascimento como o período do início da grande explicação do homem em relação à natureza, ou seja, a utilização dos aparatos de extensão humana, a exemplo de alavancas, rodas, rodaínas, engrenagens entre outros aparatos mecânicos e teóricos que facilitassem a vida cotidiana. E, dessa forma, a técnica começa a “embriagar-se”<sup>4</sup> de um racionalismo, em que a disputa entre os lugares torna-se, cada vez mais, acirrada. É neste período que o homem começa a saída do seu recorte espacial de nível comunitário e começa a aproximar pontos distantes da região espacial, ou seja, a proximidade entre os Estados nacionais torna-se algo presente.

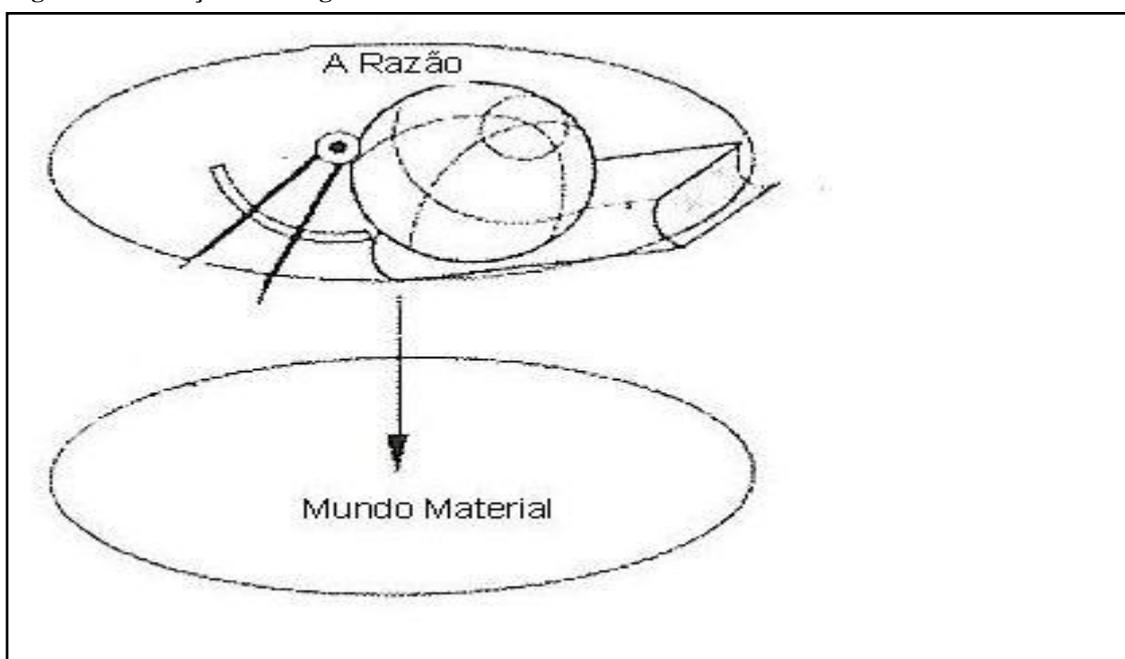
---

<sup>4</sup> Grifo deste autor.

Dentro desse contexto, o exemplo da letra de câmbio<sup>5</sup> é algo que ilustra os “primórdios” dessa difusão espacial da técnica, ou seja, das primeiras redes<sup>6</sup>. Assim, a mesma começa a substituir os transportes de moedas de ouro e prata de um lugar para outro. Com isso, o Estado passa a ser manipulado “pela vontade e inteligência humanas, uma visão política que fazia das cidades-estados italianas as precursoras do Estado Moderno” (TARNAS, 2003, p.249).

Diante deste fato, pensar a técnica<sup>7</sup> e a sua difusão é ponto chave para cair-se também em uma dicotomia, que de um lado, apresenta aqueles que defendem a sua espacialidade e, principalmente, as suas inovações (FIGURA 1). E, do outro, os que a condenam, embasados no enfoque de que está se perdendo o controle sobre a mesma, ou seja, de não ser quem a domina e, sim, de constituir uma comunidade global de meros passageiros em uma viagem que não tem mais retorno.

**Figura 1 - As noções cosmográficas do homem razão.**



Fonte: Claval (2001).  
Adaptado pelo Autor.

Nessa linha de pensamento sobre a dinâmica da técnica, Hottois (2003) apresenta, de forma pertinente os termos tecnofobia e tecnofilia. Ele aponta para o primeiro termo como referente ao medo da técnica. Já o segundo, como sendo uma pretensão do homem em querer alterar o ciclo natural da vida, na busca do homem em reduzir o sofrimento frente à natureza. Numa determinação natural e absoluta (o homem

<sup>5</sup> Essa expressão originou o “título de crédito” conhecido, processo pelo qual era emitido um título por um credor como forma de ordem ao devedor, para que fosse pago ao próprio sacador ou a um terceiro e que constituiu um sistema de “solidariedade financeira” entre os aristocratas (futuros banqueiros).

<sup>6</sup> São interpretadas segundo Forget e Polycarpe (1999), como uma “malhagem” de difusão espacial seletiva, constituída por organizações as quais especializam seus objetos nesta malha de dimensões, que podem ir do local ao global.

<sup>7</sup> A técnica compreendida como sendo “a grande banalidade e o grande enigma, e é como enigma que ela comanda nossa vida, nos impõe relações, modela nosso entorno, administra nossas relações com o entorno” (SANTOS, 1997, p.20).

## A dinâmica da técnica: o “homem razão” e a retomada do “homem mítico”

como ser contemplativo) a natureza é cíclica, pois o homem tenta romper esse padrão, mas, nos últimos anos, ele funda esse processo e intervém na realidade, retirando o centro da atenção, o ser divino coloca no seu lugar o homem.

Diante desse fato, é importante salientar que a tecnofobia articula-se com grande força no final da 2ª Guerra Mundial. Seus benefícios, apresentados por Hottois (2003), são apropriados por poucos, uma parte crescente, em fazer técnica. Assim, o tecnóforo coloca sempre em questão o “saber fazer” na prática e a relação do homem com a cientificidade. Em contrapartida, o fato social não é materializado, porque o ser humano é separado da ação.

Enfatizando o pensamento do mundo material, para Tarnas (2003), o ponto difusor desse enfoque dicotômico é proveniente do conjunto de idéias, de eventos, que convergiram (em) e que, diante de um fascinante espectro, constituiu (e) o novo, quebra de um padrão. Carrega, porém, como consequência, um fator paradoxal, que afeta tanto o universo natural do homem como o seu exterior. E nessa conjuntura, o homem moderno, fruto do complexo difusor de idéias materializadas, segue no seu processo “arrastando nuvens de glória atrás de si” (Idem, p.254).

Mediante esse contexto, a exigência perante as acelerações no ritmo da reprodução, ao longo dos tempos, impõe tendências em que a técnica salienta a razão e o racionalismo lógico frente ao humanismo. Isso faz com que o homem siga o relógio artificial, ignorando e adaptando a necessidade do mundo acelerando a sua máquina, seu loco (o corpo). Para isso, Santos B. (1999, p.5) descreve a relação técnica e homem na atualidade como estar vivendo:

[...] num tempo atônito que ao debruçar-se sobre si próprio descobre que seus pés são um cruzamento de sombras, sombras que vêm do passado que ora pensamos já não sermos, ora pensamos não termos ainda deixado de ser, sombras que vêm do futuro que ora pensamos já sermos, ora pensamos nunca virmos a ser.

Diante das considerações acima, procura-se enfatizar a relação do homem com a máquina, essa numa breve abordagem a respeito da biomecânica. Essa pode ser apontada como o entrelace do “homem máquina”, cuja vida resulta em um conceito, o de “vida e máquina”. Conceito apontado por Santini (2000), como sendo a fusão do vivo e do mecânico, mas o autor chama a atenção para a força que essa fusão apresenta. Em outras palavras, o “humano está ao lado da vida. A máquina seria sua total negação, no mínimo, sua exclusão. A vida forma o território da biologia; a máquina faz parte do mundo da física” (idem, pp.17-18).

A discussão é enfatizada por esse autor e faz refletir sobre o aprimoramento das técnicas, a sua difusão e, principalmente, a sua relação com o corpo, segundo Platão, “mundo sensível do homem”. Este é que foi ignorado como algo natural. E tornou-se, apenas, um artefato mecânico, dirigido pelas leis físico-químicas. Assim, o loco de habitação da alma do homem (o corpo) foi interpretado fora da influência da fé, ou seja, afastado de algo que o religue ao plano do sagrado, divino e natural. E como resultado desse acontecimento exposto, “o homem acabou reibaxado a objeto da investigação científica, tornou-se fórmula ou uma equação matemática”, portanto, um ser guiado pela fé na técnica (SANTINI, 2000, p.24).

Com tal fé perante a técnica, Marcuse (1999, p.81) vincula as implicações sociais da tecnologia como ser:

O processo da máquina opera de acordo com as leis da ciência física, mas da mesma forma opera com as leis da produção de massa. A eficácia em termos de razão tecnológica é, ao mesmo tempo, eficácia em termos de eficiência lucrativa e a racionalidade é, ao mesmo tempo, padronização e concentração monopolista. Quando mais racionalmente o indivíduo se comporta e quanto mais devotamente se ocupa de seu trabalho racionalizado, tanto mais sucumbe aos aspectos frustrantes desta racionalidade.

Corroborando com a colocação do autor, a racionalidade é interpretada como uma força social de ajuste e, principalmente, de submissão. Assim, a autonomia do indivíduo, a razão, perde seu sentido do mesmo modo que pensamentos, sentimentos e ações do homem são moldados pelas exigências técnicas do aparato que ele mesmo criou. Dessa forma, a razão encontra seu estímulo no sistema de controle, produção e consumo padronizados da atualidade. Nesse espaço, “ela reina através das leis e mecanismos que asseguram a eficiência, a eficácia e a coerência deste sistema” (Idem, p.84).

E pensar o mundo e o ser humano como algo regido pela razão é ter a lógica do pensamento frio de Descartes já mencionado. Nesse assunto, o homem é apontando entre os demais seres vivos como o que utiliza a sistemática da lógica para a sua interpretação. E com tantos avanços, discorrer sobre a relação paradoxal entre planos concretos e imateriais é apontar para uma unidade que movimenta o intervalo desses dois planos, ou seja, a religiosidade (a devoção). Uma vez que “não há mundos sem deuses e homens. Não há homens sem mundos e deuses. Não há deuses sem mundos e homens” (idem, p.78).

Mediante esse fato, Santos (1997, p.17) caracteriza a relação do homem com a natureza como sendo:

A história do homem sobre a Terra é a história de uma rotura progressiva entre o homem e o entorno. Esse processo se acelera quando, praticamente ao mesmo tempo, o homem se descobre como indivíduo e inicia a mecanização do Planeta, armando-se de novos instrumentos para tentar dominá-lo. A natureza artificializada marca uma grande mudança na história humana da natureza. Hoje, com a tecnociência, alcançamos o estágio supremo dessa evolução.

Diante disso, a relação do homem com a natureza (a evolução) permeada pelo domínio da técnica, a perda do indivíduo humano como essência começa atuar quando o mesmo se coloca como senhor no controle da natureza, pois o mesmo “se tornou uma coisa qualquer, preso às forças da técnica e da história que o subjuga” (MOSCOVICI, 1990, p.304). Portanto, perante o cerne da expressão natureza, pode-se concluir, de forma não equivocada, como sendo uma expressão dialética de uma sociedade próxima da natureza, mas, conforme Santos (1997) a coloca como desaparecida. Logo, o homem apresenta-se como fruto de uma natureza não produzida por ele, mas como decorrente de algo superior, que transcende a visão materializada criada por ele.

E com isso, rompe-se como natural, quando o mesmo passa a “dominá-la”. Pois tudo aquilo que é considerado fronteira (da qual o homem não consegue interpretar suas leis) é a essência da Natureza. Assim, a realidade apresenta-se de modo, tão complexo, que não é interpretada devido à capacidade seletiva do homem.

No entanto, pensar que no passado a técnica era submetida às leis da natureza e atualmente, além desse fato, é conduzida por elementos sociais (da economia e da

## A dinâmica da técnica: o “homem razão” e a retomada do “homem mítico”

política). São os que se posicionam a procurar algo que desapareceu, a “natureza servil”. Para esse caso, Santos (1997) define ser o homem que se torna escravizado em um plano em que os dominadores não se querem dar conta de que suas ações podem ter objetivos, mas não sentidos.

Com isso, o valor passa a ser quantificado na expressão da moeda (financeiro). E a origem da crise na força do plano da razão a torna possível e modela o mundo abstrato e quantitativo da ciência, ou seja, o dinheiro revela, assim, a “paixão pela moeda”. E interpretar grande parte das civilizações torna-se difícil, pois um grande número delas busca alcançar harmonicamente as relações de caráter comum do homem. E, para isso, refugiam-se na dualidade do sagrado, e delimitam uma fronteira que os separam do mundo profano, prospectando essa dualidade de planos. Com isso, seguem desafiando as temporalidades impostas pela sociedade do “sistema de objetos” (SANTOS 1997).

Assim, a sociedade formada por sistemas de objetos pode ser caracterizada como a natureza humanizada, constituída através da dinâmica da técnica, que Moscovici (1990, p.333) assinala ser:

[...] uma máquina de fazer deuses, isso ocorreu modelando esses seres ideais que a confrontam e lhe servem de ponto de referência. Qualquer que seja ele – a história, a natureza, Deus, o dinheiro, o lucro, a luta de classes etc. – esse ponto de referência expressa a realidade exterior e a finalidade pela qual os homens vivem e morrem.

E o homem, essa máquina, entende-se que a situação agravou-se ainda mais quando ele, totalmente “racionalizado”, compreendeu que a natureza era uma força contrária e invasiva ao processo de seus aperfeiçoamentos. Apesar disso, também é nesse momento em que despontam a ciência e a técnica como os instrumentos hábeis para reprimir as forças brutas da natureza, colocando-as a serviço do homem e é vista também como parte da natureza que não escapou da dominação científica e das garras da tecnologia.

Fator que Santos (1999), ao abordar a dinâmica das técnicas e o homem no universo racionalizado, corrobora com o argumento exposto, pois o mesmo afirma que a intervenção tecnológica ofusca-nos, porque esconde as verdadeiras percepções do mundo, e seu ápice reprime o valor humano. E mais através da comunicação fria da ciência, ele enfatiza que sujeito e objeto tornam-se estanques, incomunicáveis. Com isso, definir que a ciência toma um modelo, ou seja, uma razão e uma técnica que concebe uma sociedade cada vez mais despojada de qualidades específicas, onde as coisas só são expressas através de relações objetivas, em termos quantitativos. E é dessa objetividade que o dinheiro é o veículo, por sua circulação incessante, sua neutralidade com relação às crenças e aos sentimentos; e, pelo seu poder de cálculo, abole as paixões sem as quais não existe vida em comum.

De acordo com Hottois (2003, p.479) e seu discurso sobre o atual estágio da modernidade, esse relacionado à técnica e às tecnociências, e ao fator econômico, ele aponta que o homem, “só pode exercer a sua liberdade criadora no plano simbólico (a arte, por exemplo). Ele é criatura (de Deus ou da natureza) antes de ser criador, e não pode, sem desastre, perturbar a ordem criada de que faz parte”. Com isso, pode-se definir que o próprio homem é a única criatura com consciência de si, que intervém na natureza. De modo que a técnica está tão imbricada no conhecimento e contexto social

que ela não apresenta outra forma de conduzir a evolução social na relação homem/natureza.

Diante disso, no entanto, entender que a apreensão maior, do ponto de vista do homem do século XXI, é enfrentar todas as dificuldades da vida moderna no sentido de assegurar a estabilidade de seus bens materiais. Ferraz (1996, p.95) define que o homem “esgota toda a vida espiritual em aumentá-los, a fim de garantir o maior conforto material possível e o maior número de prazeres propostos pelo viver cotidiano, sob as formas mais variadas de tentações obsessivas”. Assim, a busca por uma “energia” que os movimente de forma menos sistemática é plausível. Por isso, a retomada da devoção faz-se presente com grande fervor na atualidade. É o ponto que será apresentado de forma mais contundente no decorrer do estudo como um dos resultados decorrentes da dinâmica da técnica.

### **O Homem Mítico**

Diante do que foi abordado sobre o homem, o seu mundo racional e, principalmente, a sua relação com os “objetos inéditos”, pode-se concluir que a “alta modernidade” apresentada pela humanidade diferencia-se, através da técnica, ou seja, da racionalização crescente. E mais, essa apresenta o pensamento científico no domínio de todas as esferas da sociedade. De modo que a alta modernidade também acentua e enfatiza, cada vez mais, o predomínio de uma racionalidade entre os homens, a qual tem como um componente fundamental do atual estágio a autonomia do sujeito. Essa compreendida como a liberdade de pensar o mundo, de regê-lo e de desenhar os rumos da sociedade, o que entra em incoerência com a “verdade revelada” pela coletividade global. Pois é o ser humano que, através da sua espacialização cultural, e da difusão tecnológica, promove novos entrelaces sociais, os quais reafirmam a busca de uma energia que movimente de forma menos sistemática, sendo esta a devoção aos seus mitos e deuses. É um processo realizado através de uma esfera de energia de um plano sagrado, que os auxilia a superar as dificuldades do mundo material acelerado pelos objetos técnicos (humanizados).

Ferraz (1996) apresenta uma ressalva em relação às criações tecnológicas, pois ele coloca que as mesmas têm colaborado para o bem comum, e afirma que, se não fosse por esse ponto positivo, a sociedade haveria rejeitado a tecnologia, como já faz com muitas descobertas realizadas no mundo. Ela tende a aceitar apenas aquelas que venham a concorrer para o bem comum. Sem dúvidas, a sociedade tem realizado grandes esforços em prol do desenvolvimento da tecnologia e, no entanto, apesar do grande avanço dessas, o homem vem sofrendo um crescente incômodo, que os estudiosos da atualidade vinculam à própria tecnologia. No entanto, quanto mais avançados têm sido os instrumentos “oferecidos” ao homem para a ampliação de suas forças, mais o homem da “alta modernidade” torna-se doente. Esse fenômeno negativo não é fruto da tecnologia em si, mas do uso incorreto que o homem está fazendo dela.

Portanto, a ligação do homem por representações que o conectem ao mundo superior ou ao plano espiritual, é como muitos cientistas das ciências sociais apontam ser uma dinâmica voltada aos deuses como representantes da dinâmica terrestre. E essa é uma característica do cerne do indivíduo, para a busca de respostas que não é capaz de dar através dos seus aparatos técnicos. É o atual processo em que a humanidade encontra-se, para Giddens (1991), é definido como “alta modernidade”, a qual imbrica os símbolos hegemônicos, os quais são enfatizados quando o indivíduo encontra a

confiabilidade em “sistemas abstratos”, os quais contribuem no atual estágio da mesma e que se encontram como forma de confiabilidade e segurança cotidiana. Porém, a natureza desses sistemas não oferta a relação mútua, “nem a intimidades que as relações de confiança pessoal oferecem” (idem, p.117).

É esta confiança pessoal que muitos buscam em recortes espaciais os quais representam um “mundo dublê<sup>8</sup>” (CLAVAL, 2001). Assim, interpretar esses lugares (FIGURA 2) como sendo a ligação com o plano sagrado, ou seja, lugares que representam a retomada do homem ao universo mítico e, principalmente, a fuga da racionalidade técnica iniciada no Renascimento. E, nesses lugares sagrados, cuja procura tem aumentado nos últimos anos, devido aos percalços provocados pelo atual estágio da humanidade, de aceleração e, entre outros, de individualismo quase constante do homem para com seu semelhante, contemplado, em parte, pelos aparatos técnicos que o cercam.

Claval (2001, p.144) define esses espaços como sendo:

Os lugares onde se manifesta o divino vindo do além sobre a Terra são sacralizados. A passagem da Terra para o Outro Mundo é especialmente facilitada onde perpassa o eixo do mundo, o que atrai a vida religiosa e o poder com o fundamento religioso. A sacralização geral passageira, do espaço [...] da comunhão dos homens e dos deuses.

Em presença disso, a junção do homem com o sagrado, às vezes, até mesmo de maneira que se pode situar e datar, nos fundadores de religião e alguns outros indivíduos excepcionais, cujo mito vem preencher onde é preciso. E esse, no momento exato, é o vazio do inconsciente, e também de indivíduos pertencentes a uma sociedade constituída de objetos (artificializados). Dessa forma, o mundo social é cada vez mais constituído e articulado em função de um sistema de significações, que são construídas na forma do que é denominado de “imaginário efetivo (ou imaginado)”. E pode vincular-se, segundo a colocação de Santos (1997, p.29), à atualidade: “a época dos signos, após havermos vivido o tempo dos deuses, o tempo do corpo e o tempo das máquinas”.

Os símbolos misturam as percepções humanas, porque esses assumem o lugar dos acontecimentos verdadeiros. O que para Castoriadis (2000) apresenta-se como sendo a crença e, mais, a existência de um lugar para preencher no inconsciente individual do qual é aceita a interpretação dos processos que produzem a necessidade da sublimação religiosa. Ainda assim, esse processo subsiste com o indivíduo não podendo preencher esse lugar com suas próprias produções, mas somente utilizando significantes dos quais não dispõe livremente. Com isso, o mesmo autor salienta que o que indivíduo pode produzir são apenas “fantasmas privados, não instituições”, em se tratando da sociedade contemporânea (Idem, p.174).

---

<sup>8</sup> É colocada por, Claval (2001), como uma expressão que refaz a idéia de ligação do homem ao mundo material e ao plano imaterial, esse permeado pelo fator da devoção (fé) em seus elementos míticos. Esses possuem uma interpretação natural da natureza, interpretação que ainda é renegada pelo racionalismo “técnico, científico e informacional” (SANTOS, 1997), na sua forma de interpretação sobre os signos naturais que cercam o homem.

Figura 2 - As noções cosmográficas do homem mítico.



Fonte: Claval (2001).  
Adaptado pelo Autor.

Em contrapartida, não pode ser esquecido que o homem se refaz, através do plano mítico, pois, na religião<sup>9</sup>, principalmente, as tradicionais, conforme aponta Giddens (1991) são diferentes do “mundo dos objetos artificializados”. A sua confiança permite uma “transferência direta da confiança individual com grandes elementos de mutualidades” (idem, p.117).

### Considerações Finais

A técnica, por se tratar de uma interpretação racionalizada do saber fazer do homem e, mais por adquirir meios de “dialogar”, de forma dialética, com a natureza, se dá ao mesmo tempo em que o homem avança sobre seu entendimento, e provoca algum percalço social. Por isso, pode ser considerada como a relação homem/meio. Essa é colocada e discutida ao longo dos anos pela ciência geográfica, a qual tende também desvendar as barreiras sociais e naturalmente impostas, e que também apresenta como finalidade a compreensão, principalmente, do seu objeto de estudo, o espaço geográfico. Esse é metamorfizado por muitos cientistas das ciências sociais como o palco das efetivações humanas; sobretudo, abrange todos os elementos do planeta e que são passíveis de serem analisados e classificados pelas especialidades da ciência geográfica com seu diálogo, interpretativo, homem/meio.

Responder à questão colocada no início do estudo é enfatizar, mais do que a afirmação que o presente pode ser encontrado no passado; é transgredir através dos fatos que forneceram subsídios ao homem, para transcender a realidade do mundo material, dos objetos inéditos. Sabe-se que o conhecimento produzido pela ciência segue um processo, a técnica para guiar a nossa investigação sobre a natureza. Com

<sup>9</sup> Aborda-se como a crença na existência de uma “energia” sobrenatural que anima o mundo, a qual tem como finalidade religar o homem ao universo mítico e natural dos deuses, contemplada na forma de comunicação entre o ente mítico e o seu devoto (o homem).

isso, toda a racionalidade do homem, difundida no Renascimento, encontra-se presente de forma mais acelerada sobre uma humanidade que acompanha os ditames da máquina em relação ao tempo e ao saber fazer.

Com isso, a relação do homem perante os objetos humanizados torna-se uma relação vazia. É o que Giddens (1991) coloca como relações de confiabilidade mútua, mas sim com grande ênfase em percalços causados pela técnica. Marcuse (1999) aponta serem as consequências ou a reação, segundo Santos (1997), de uma natureza não declarada mais como servil. Dessa forma, a transcendência, ou melhor, a procura por espaços que religuem o homem ao plano mítico, é uma “réplica” ao centralismo do homem “fundamentado” pela razão.

Deste modo, o espaço geográfico abordado resulta da interpretação de Santos (1997) e os “objetos humanizados”, através de Claval (2001), com a retomada dos “espaços sagrados”, conceito abordado por Eliade (1992). Define uma Geografia abordada no estudo, que explica também a sociedade como fator transcendente que produz o espaço e o sagrado imbricados. Já que o sagrado configura-se para a humanidade como forma de refúgio a uma realidade em que o homem busca respostas e através dessas entra em um plano mítico de interpretação para o mundo permeado por uma racionalidade.

Assim, o estudo do espaço relacionado à pesquisa e, principalmente, à prática social, ou seja, à dinâmica da técnica como parte integrante da totalidade que, ao se organizar, configuram os diferentes tipos de paisagens de resultados de tipos distintos de sociedades, construindo, segundo Ferraz (1996), a dita civilização tecnológica. Essa não interpreta a natureza como um todo, mas faz com que o homem, diante de seus percalços, retorne a um plano renegado pela racionalidade imposta no Renascimento. Pontua-se esse fator como resultado das transformações sócio-espaciais permeadas pela inovação e, principalmente, pela difusão das tecnologias.

### Referências

- CASTORIADIS, C. **A instituição imaginária da sociedade**. 5 ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2000.
- CLAVAL, P. **A geografia cultural**. 2. ed. Florianópolis: UFSC, 2001.
- ELIADE, M. **O sagrado e o profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- FERRAZ, H. **Cidade e vida**. São Paulo: João Scortecci editora, 1996.
- FORGET, P.; POLYCARP, G. **A rede e o infinito ensaio de antropologia filosófica e estratégica**. Lisboa: Instituto Piaget, Coleção epistemologia e sociedade, vol.112, 1999.
- GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. São Paulo: editora UNESP, 1991.
- HOTTOIS, G. Filosofia da técnica e das tecnociências. In: \_\_\_\_\_. **História da Filosofia da renascença à pós-modernidade**. Lisboa: Instituto Piaget, Coleção Pensamento e Filosofia, vol.96, 2003. pp. 304-341.
- MARCUSE, H. **Tecnologia, guerra e fascismo**. São Paulo: Editora da UNESP, 1999.
- MOSCOVICI, S. A sociedade desaparecida. In: \_\_\_\_\_. **A máquina de fazer deuses**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1990. pp. 304-341.
- SANTINI, S. **A biomecânica entre a vida e a máquina: um acesso filosófico**. 2 ed. Ijuí: INIJUÍ Editora, 2000.

SANTOS, B. de S. **Um discurso sobre as ciências**. 11. ed. Porto: Edições Afrontamento, 1999.

SANTOS, M. **Técnica, espaço, tempo**: globalização e meio técnico-científico informacional. 3 ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

TARNAS, R. **A epopéia do pensamento ocidental**: para compreender as idéias que moldaram nossa visão de mundo. 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.